



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ANTÔNIO GIOVANNI ALVES DE SOUSA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS



WALDELLISIA DE PAULA FONTENELE CARVALHO

**VIGILÂNCIA SOCIAL E A PADRONIZAÇÃO DOS CORPOS
PERFEITOS: O CONTROLE DE CORPOS E A BELEZA FEMININA NO
ROMANCE DISTÓPICO *FEIOS* DE SCOTT WESTERFELD**

PIRIPIRI - PI

2025

WALDELLISIA DE PAULA FONTENELE CARVALHO

**VIGILÂNCIA SOCIAL E A PADRONIZAÇÃO DOS CORPOS
PERFEITOS: O CONTROLE DE CORPOS E A BELEZA FEMININA NO
ROMANCE DISTÓPICO *FEIOS* DE SCOTT WESTERFELD**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Letras Inglês, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado(a) em Letras
Inglês, sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Romário Nunes

PIRIPIRI - PI

2025

C331v Carvalho, Waldellisia de Paula Fontenele.

Vigilância social e a padronização dos corpos perfeitos: o controle de corpos e a beleza feminina no romance distópico *Feios* de Scott Westerfeld / Waldellisia de Paula Fontenele Carvalho. - 2025.

47f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Inglês, campus Antônio Giovanni Alves de Sousa, Piripiri - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Francisco Romário Nunes".

1. Distopia. 2. Controle. 3. Corpos. 4. Beleza. 5. Feios. I. Nunes, Francisco Romário . II. Título.

CDD 420

Dedico esta monografia para a minha mãe,
pessoa que mais me motiva a continuar
tentando.

AGRADECIMENTOS

Há muito o que ser dito e sou muito grata há muitos. Contudo, primeiramente, gostaria de agradecer à Deus, meu pai, que me guiou e já realizou tantos milagres em minha vida que sei que, sem Ele, eu já não estaria mais aqui. Expresso, também, o meu amor e agradecimento à minha mãe, Ana Paula Oliveira Fontenele, a pessoa que mais amo no mundo. No começo do curso só tínhamos uma a outra e ela foi meu escudo. Este trabalho só existe porque ela estava sempre lá para dizer “Você consegue!” quando ia dormir e me deixava no computador escrevendo pela madrugada.

Para todos meus amigos e familiares de coração que pertencem ao grupo “Corrente da Wal”: Alexandre, Barbara, Camila, Maria de Lourdes, Maria da Penha, Roberta e Rogéria. Por meio dos livros nos juntamos e todos fazem parte dos meus pensamentos sempre, mesmo os mais distantes. Se persisto na área da literatura e licenciatura hoje, devo um pouco também a vocês. Quero agradecer, ainda, aos meus maravilhosos amigos Gabriel, Samyra e Rafael, que foram meu porto seguro para desabafos durante essa pesquisa. Agradecida sou pelo acolhimento e carinho que minha amiga e colega Viviane me deu desde o primeiro dia de aula, ainda na pandemia. Dedico também para o Joel, Davi, Daiana, Mateus e todos os amigos, colegas e familiares que me ouviram falar sobre este trabalho quando ainda estava no rascunho.

Agradeço à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e ao curso de Letras Inglês pelo espaço para que eu realizasse meu sonho de estudar literatura. As bolsas bolsa trabalho e PIBID foram extremamente importantes para minha permanência no curso. Este trabalho nada seria sem meu orientador, Francisco Romário Nunes, professor excepcional que me inspira desde o começo do curso até então. Agradeço à toda paciência, tempo e dedicação que colocou em todas suas aulas e neste trabalho comigo. Para mim é mais que uma honra ser sua orientanda e levar seu nome em meu trabalho. Por fim, e igualmente importante, agradeço aos incríveis professores que me ajudaram a melhorar, não só academicamente, mas como pessoa: professora Lylia por seu humor e conselhos, professor Jivago com suas admiráveis discussões literárias e a professora Sharmilla, por ser uma outra versão de mim.

O mundo só vai prestar
Para nele se viver
No dia em que a gente ver
Um gato maltês casar
Com uma alegre andorinha
Saindo os dois a voar
O noivo e sua noivinha
Dom Gato e Dona Andorinha
– Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar a construção de elementos de controle social, de corpos e da beleza feminina na narrativa literária *Feios*, de Scott Westerfeld. Com o intuito de alcançar tal objetivo, fez-se necessário examinar características presentes na personagem principal, Tally, e suas relações com outros personagens, além do esquema político e ditador de sua cidade. Para isso, revelou-se essencial refletir sobre teorias como controle de corpos, biopoder e estética feminina. De modo complementar, por se caracterizar como pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, e adotar o método hipotético-dedutivo, conduziu-se a análise de autores como Claeys (2017) ao abordar sobre distopia, Butler (2023) no que diz respeito aos corpos, Foucault (1977, 1987 e 2024) em relação à política e controle, Beauvoir (1980) acerca do feminino e Wolf (2021), que discorre sobre a beleza, estudando-a com um olhar feminista. Através da análise, observou-se que padrões estéticos e pressões quanto às normas de beleza são um dos meios de controles utilizados em *Feios* e, além disso, que a personagem principal revela muitos estereótipos femininos na busca pela perfeição.

Palavras-Chave: Distopia; Controle; Corpos; Beleza; *Feios*.

ABSTRACT

This research aims to investigate the construction of elements of social control, bodies, and female beauty in the literary narrative *Uglies*, by Scott Westerfeld. In order to achieve this objective, it was necessary to examine the main character's characteristics, Tally, and her relationships with other characters, as well as the political and dictatorial scheme of her city. To this end, it was essential to reflect on theories such as body control, biopower, and female aesthetics. Additionally, as this work is characterized as bibliographic, exploratory and qualitative research, and it adopts the hypothetical-deductive method, an analysis was conducted based on authors such as Claeys (2017), whose writings discuss dystopia; Butler (2023), regarding bodies; Foucault (1977, 1987, and 2024), concerning politics and control; Beauvoir (1980), addressing femininity; and, Wolf (2021), whose feminist perspective explores beauty standards. Through this analysis, it was observed that aesthetic standards and pressures regarding beauty norms are one of the means of control employed in *Uglies*, and that the main character reveals many female stereotypes in her pursuit of perfection.

Keywords: Dystopia; Control; Bodies; Beauty; *Uglies*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTOS DISTÓPICOS E CONTROLE SOCIAL	14
2.1 DISTOPIA: POSSÍVEL ALERTA?	14
2.2 CONTROLE DE CORPOS	16
3 BELEZA FEMININA E REGULAÇÃO DOS CORPOS	22
3.1 BELEZA FEMININA	22
3.2 BELEZA FEMININA E CONTROLE DE CORPOS	26
4 “UM MUNDO DE CLONES”: DITADURAS DE PODER E BELEZA SOCIAL EM FEIOS	31
4.1 ESTÉTICA DISTÓPICA: FEIOS E SUAS PARTICULARIDADES	31
4.2 “OS MÉDICOS ACABAM FAZENDO O QUE QUEREM, NÃO IMPORTA O QUE VOCÊ PEÇA”: ANÁLISES DE DISTOPIA E CONTROLE EM FEIOS	33
4.3 A BUSCA PELA PERFEIÇÃO	39
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A perfeição e estereótipos do “ideal” são tópicos progressivamente mais presentes no cotidiano. Um fator que nos alerta quanto à pressão que esses modelos estereotipados fazem acerca da imagem feminina padronizada é o aumento constante do número de cirurgias realizadas apenas para cunho estético. Analisando em âmbito nacional, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) de 2018, o Brasil é líder mundial no ranking de cirurgias plásticas em jovens (Honorato, 2018). Além disso, em 2018, o Brasil foi o país que mais fez cirurgias plásticas estéticas, tomando o lugar dos Estados Unidos, país que normalmente tem estes índices mais altos. De acordo com este levantamento, em 2018 foram realizadas 1 milhão 498 mil cirurgias plásticas estéticas no Brasil, além de mais de 969 mil procedimentos estéticos não-cirúrgicos (Coltro, 2020).

Diante desse cenário, a obra *Feios* (2010), do escritor norte-americano Scott Westerfeld, apresenta um mundo fictício, dentro do gênero de distopia, que retrata uma sociedade futurista na qual a busca pela padronização estética é legal e obrigatória pelo governo a todos os indivíduos. O governo, na história, “presenteia” todos com cirurgias estéticas ao completarem 16 anos. Antes desta idade, todos são postos socialmente na classe dos “*Feios*”, moram juntos em dormitórios e, após realizarem as cirurgias, se tornam “*Perfeitos*”. A protagonista é uma adolescente de 15 anos chamada Tally Youngblood, cujo maior sonho é tornar-se “perfeita” e se mudar para a cidade de *Nova perfeição*, onde os jovens cirurgiados vivem por um tempo antes de passarem por outra cirurgia anos depois para ganharem aspectos “maduros”. Após alguns problemas, Tally se envolve com um grupo de médicos rebeldes que fugiram e estão criando uma pequena cidade anônima em forma de resistência para com o governo que, na verdade, manipula os cidadãos por meio das cirurgias.

Considerando esta perspectiva, este trabalho tem como objetivo principal analisar as representações do corpo e da beleza feminina no romance *Feios*, de Scott Westerfeld. Paralelamente, para isto, foram divididos três objetivos específicos: 1- estudar conceitos envolvendo o gênero literário distopia, juntamente com o controle de corpos, 2- analisar como a construção social da beleza feminina impacta o cotidiano das mulheres e de que maneira ela pode ser utilizada como um

mecanismo de controle social e 3 - identificar como a representação dos corpos e a beleza feminina são construídas no romance *Feios*.

A escolha do controle de corpos e da padronização da beleza feminina como tema desta pesquisa deve-se à relevância das representações políticas e femininas para o meio acadêmico, abrangendo futuros estudos de gênero, estética, política, feminismo e psicologia. Em vista disso, esta pesquisa busca contribuir para o estudo crítico do corpo feminino na literatura. *Feios* é um livro voltado para o público jovem que retrata um tipo de pressão estética baseada na realidade, mas que, posta na ficção, expande-se a extremos inexistentes. A partir dessa obra, os padrões rigorosos e seus impactos na sociedade e no psicológico dos indivíduos permitem a criação de paralelos e analogias entre a distopia e o real. A ampliação dos defeitos da sociedade e do governo de forma exagerada, torna possível a formação de discussões que podem gerar uma compreensão crítica da realidade. A importância de debates como estes para um futuro mais consciente motivou a escolha desta história.

Ademais, no que diz respeito à metodologia utilizada, esta pesquisa pode ser classificada como exploratória com abordagem qualitativa. O método de abordagem utilizado foi o hipotético-dedutivo, com procedimento monográfico, recorrendo a métodos observacionais. O trabalho adequa-se, também, como pesquisa bibliográfica com análise textual baseadas em artigos, trabalhos acadêmicos e livros relevantes para o estudo dos corpos, controle sobre estes, beleza feminina, distopia e sobre o próprio objeto de estudo, *Feios*.

Este trabalho visa, por meio da análise crítica de fontes bibliográficas já existentes, investigar a padronização dos corpos perfeitos e a beleza feminina presentes no universo ficcional da obra de Scott Westerfeld. Esta análise textual contará, também, com uma leitura detalhada do romance *Feios*, identificando passagens e elementos que abordam o controle de corpos, os padrões de beleza e as relações sociais estabelecidas na sociedade distópica retratada. Quanto aos procedimentos teóricos serão baseados em conceitos e abordagens de áreas como estudos de gênero, teorias sobre controle social e corporal, e literatura distópica.

O trabalho parte da seguinte problemática de pesquisa: como o romance *Feios* aborda o controle dos corpos e a construção da beleza feminina? A partir dessa questão norteadora, o estudo apresenta três hipóteses que poderão ser

comprovadas ou não ao fim da análise: 1- a distopia é um gênero propício às representações de críticas da realidade e o conceito teórico “controle de corpos” explica como instituições ou grupos de poder podem moldar um padrão corporal para ter controle sobre as pessoas. 2- O conceito atual de beleza feminina contribui para a padronização e pode ter relação com regulamentações corporais. 3- Em *Feios*, a representação dos corpos e da beleza feminina critica a padronização estética, revelando como normas de beleza são usadas para controle social e opressão.

À vista disso, a coleta de dados para esta monografia foi elaborada a partir de uma breve reflexão sobre o gênero distopia, estudos com relação a definição de corpos, controle corporal, beleza feminina, a imagem de poder relacionado à beleza e, por fim, o objeto de estudo principal: *Feios*, de Westerfeld. Para isto, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro destes é dividido em duas seções: uma breve análise de como a distopia reflete aspectos reais em seu meio literário, a partir principalmente do autor Gregory Claeys (2017), definições presentes dentro da temática de corpos com a autora Butler (2023) e, também, “controle de corpos” e como este consegue afetar a sociedade, focando principalmente nas abordagens de Michel Foucault (1977, 1987 e 2024).

O segundo capítulo foca na beleza como ideal estético, além de apresentar, juntamente, duas seções: a primeira focada no ideal estético especificamente feminino, visto que a personagem principal do objeto de estudo é uma garota; e, a segunda, conectando o conceito de controle dos corpos visto no capítulo anterior com os referenciais estéticos femininos. Para tal, será utilizado conceitos da autora Simone de Beauvoir do livro *O Segundo Sexo* (1980), o estudo intitulado *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres* da autora Naomi Wolf (2021) e o trabalho *Representações sociais do corpo, mídia e atitudes* de Everley Furtado (2012).

Finalmente, o terceiro capítulo consta na análise da narrativa *Feios*, levando em conta as abordagens vistas anteriormente e examinando-as em relação com as cenas dentro da narrativa construída por Westerfeld: a distopia empregada no livro, como os corpos e controle destes são postos na obra, como a beleza é representada e os aspectos de gênero ou idealizações de corpo feminino na trama, focando, principalmente, na protagonista, Tally Youngblood.

2 CONTEXTOS DISTÓPICOS E CONTROLE SOCIAL

Este capítulo apresenta alguns elementos e considerações do gênero literário distopia, tal como reflexões sobre representações de corpo e como estes podem ser considerados ferramentas de controle. Para isto, o capítulo abordará autores como Claeys (2017), que escreve sobre a literatura de distopia em seu livro *Dystopia A Natural History: A Study of Modern Despotism, Its Antecedents, and Its Literary Diffractions*, Butler (2023) para o entendimento do conceito de “corpo”, e Foucault (1977, 1987 e 2024) ao abordar questões de poder e controle atrelados ao corpo.

2.1 DISTOPIA: POSSÍVEL ALERTA?

Etimologicamente, *distopia* é uma palavra formada pelo prefixo *dis-* (originado do grego, que indica dificuldade e mau estado) e *tópos-* (do grego, que significa lugar). Dessa forma, infere-se que a palavra expressa a ideia de um “lugar ruim”. Derivada do conceito de utopia, distopia seria o extremo oposto: um cenário ficcional frequentemente utilizado em diversos meios em forma de crítica social, geralmente marcado por opressão, controle e decadência. Para Gregory Claeys, professor de História do Pensamento Político na Royal Holloway, Universidade de Londres, “o adjetivo distópico implica em futuros assustadores, onde caos e ruína prevalecem” (Claeys, 2017, p. 5, tradução nossa)¹.

A partir desta definição, podemos pensar sobre como as narrativas distópicas funcionam como um “aviso” do que a sociedade pode se tornar caso determinadas dinâmicas contemporâneas sejam levadas ao extremo. As distopias são, portanto, projeções do presente ao explorar aspectos maximizados da sociedade, em certa medida, retratando fragmentos da condição humana em relação ao medo do futuro. Isso ocorre porque, ao imaginarmos as sociedades em um futuro distante ou próximo, utilizamos conceitos já existentes, observados e vivenciados, como base para a construção do cenário distópico. Isso se deve ao fato de que o cérebro humano encontra grande dificuldade em imaginar realidades totalmente desvinculadas da experiência concreta, sem qualquer tipo de referência prévia. A

¹ Do original: “The adjective dystopian implies fearful futures where chaos and ruin prevail”.(Claeys, 2017, p. 5.)

criatividade humana, neste caso, tende a se apoiar em conceitos já existentes, reorganizando elementos do mundo atual e ampliando tensões sociais para explorar seus possíveis efeitos projetados no futuro.

Por consequência, graças ao seu caráter de alerta, a distopia é amplamente usada no meio literário para passar mensagens e temas principalmente relacionados com a política. Nesse contexto, o uso da distopia permanece consistente à medida que avançam debates de pautas sociais, como as sobre autoritarismo, direitos humanos, aquecimento global, padrões de beleza e inteligência artificial, que continuam a aparecer e ter destaque nos veículos de comunicação. Claeys pondera sobre estas preocupações humanas refletidas em textos do gênero ao afirmar:

A continuidade com textos do século XIX e início do século XX existe em outras áreas. A preocupação com máquinas e sua crescente dominação da humanidade compartilhada centralmente pela ficção científica e pela distopia resulta em um foco crescente no espectro de identidade humano/máquina. (Claeys, 2017, p. 489, tradução nossa)².

Embora ambientadas em futuros imaginários, essas narrativas se constroem a partir de bases concretas (políticas, culturais ou tecnológicas). Esta dominação da humanidade que o autor menciona não é vista apenas como resultado de máquinas dentro da distopia, já que um dos temas centrais do gênero é “controle de corpos”. Neste contexto, o gênero distópico frequentemente serve como pano de fundo para narrativas que abordam mecanismos de controle social, como a vigilância, a uniformização de comportamentos, a regulamentação e o controle de corpos. Obras como *Admirável mundo novo*, publicado em 1932 por Aldous Huxley, já traziam a padronização biológica como forma de dominação, além da “perfeição humana”. Da mesma forma, *Feios*, de Scott Westerfeld, se insere apresentando um mundo em que o padrão de beleza é imposto de forma autoritária, funcionando como instrumento de manipulação.

Nesse sentido, analisar o uso da distopia como estratégia narrativa para discutir o controle de corpos e a padronização da beleza torna-se fundamental para então progredir o estudo para outros campos temáticos, como o biopoder e controle

² Do original: “Continuity with nineteenth- and early twentieth-century texts exists in other areas. The concern with machines and their increasing domination of humanity centrally shared by both science fiction and dystopia results in a growing focus on the human/machine identity spectrum.” (Claeys, 2017, p. 489)

de corpos, conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, ou feminismo, na análise do tópico da beleza feminina. Em síntese, o pensamento sobre a distopia, para Claeys, dialoga com conceitos de dominação de corpos e como a ciência pode comandá-los. Podemos refletir, portanto, o romance *Feios*, de Westerfeld, a partir das suas características distópicas, mapeando suas temáticas, a exemplo do controle de corpos e da idealização da beleza feminina.

2.2 CONTROLE DE CORPOS

Compreendida como crítica a formas extremas de organização social, a distopia regularmente aborda mecanismos de controle que operam sobre o corpo. À vista disso, o corpo humano passa de apenas algo físico para ser também ato político, moldado e vigiado da forma que os detentores de poderes visam. Assim, é viável observar como a distopia serve como espaço propício para discutir estratégias de controle, dominação e padronização dos corpos. Para isso, autores como Judith Butler e Michel Foucault são essenciais para o estudo das particularidades necessárias para a análise do corpo e do biopoder, que serão posteriormente explorados no romance *Feios*, de Scott Westerfeld.

No livro *Corpos que importam*, a filósofa estadunidense Judith Butler reflete sobre as concepções de corpo, aprofundando-se em uma análise crítica das normas definidoras do sexo. Butler foca nos aspectos mais “radicais” sobre o sexo, contribuindo também para os estudos de gênero. Estas definições de Butler são significativas para o debate do que seria o “corpo” como objeto a ser examinado. Ao estudar e dialogar com concepções de outros autores, como Michel Foucault, Butler expõe visões sobre a distinção de sexo/gênero e categoria sexual, demonstrando o corpo não como dado natural, mas como uma construção social. Nesse sentido,

Postular o corpo como anterior ao signo é postulá-lo ou significá-lo como prévio. Essa significação produz como efeito de seu próprio procedimento o corpo que pretende, não obstante e simultaneamente, desvelar como aquele que precede a própria ação. (Butler, 2023, p. 59-60).

Assim sendo, para Butler, não devemos criar estereótipos de corpos, sexualidade ou de identidade de gênero. Logo, quando alguém declara o corpo como algo concreto, que não foi influenciado pelas normas sociais ou pela linguagem, significa dizer que acredita que este vem antes de qualquer tipo de

significação, independentemente de discursos. Esta ideia reforça o conceito de “corpo” fixo e estático que as normas sociais criaram. Tal ideia colabora no entendimento de como ideais de corpos não apenas moldam a forma que as pessoas o veem (mesmo que inconscientemente, quando o julgam como algo concreto), mas também como podem ser usados como estratégias de controle social, disfarçadas de benefícios e ordem. Ao se ter a normalização da mudança de algo relacionado ao corpo para um bem coletivo, já existe então uma coerção de controle sobre este indivíduo.

Além disso, pensadores como Foucault que, dentre outros temas, voltou parte de seus estudos para o conceito de poder, relacionando-o com a imagem dos corpos, também oferece reflexões pertinentes para o tema da representação dos corpos na literatura distópica. Como resultado de seus estudos sobre o controle exercido para os corpos, o autor desenvolve o conceito de biopoder para caracterizar as formas de controle sobre o corpo. No livro *Vigiar e punir*, Foucault (1987) reflete que o corpo está diretamente relacionado ao campo político, de forma que as relações de poder atuam sobre este como forma, também, de dominação. Entretanto, para o autor, este investimento político só se dá por meio da utilização econômica dos corpos. Em outras palavras, essa politização dos corpos, segundo Foucault, está diretamente associada ao valor que esses corpos possuem dentro de um sistema produtivo. Pode-se inferir deste estudo que a relação entre poder e corpo gira ao redor do retorno econômico, tornando o indivíduo lucrativo e servil às demandas impostas por quem detém o controle e ocultando este mecanismo como algo consolidado e naturalizado na sociedade. Dessa forma, a imagem de corpo passa a se tornar ato político, ao ser por meio desta que diferentes relações de poder podem manifestar-se.

Ao abordar a temática de controle de corpos, Foucault nos elucida sobre como a humanidade pode ser controlada inconscientemente e a todo instante. Para discutir estes temas, Foucault observou poderes disciplinadores e normatizadores exercendo controle sobre corpos, principalmente a partir de figuras governamentais. Nesse contexto, o biopoder divide-se em duas técnicas de poder: disciplina e biopolítica. Para o autor, ao falar sobre disciplinas, “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (Foucault, 1987, p. 164). Por conseguinte, podemos dizer

que o filósofo identifica nas disciplinas uma espécie de “adestramento” social que não apenas ditam o funcionamento do corpo, mas também limitam as liberdades individuais, muitas vezes de maneira inconsciente.

Refletir sobre os limites sob os quais os “detentores de poder” influenciam a padronização dos corpos por meio das disciplinas é fundamental para estudos comportamentais da sociedade, visto que, como Foucault demonstra, este poder atua sob a população de forma que ela seja dominada pela disciplina de forma involuntária, sem o conhecimento de que está sendo “manipulada”. De forma análoga, o objeto de estudo que será analisado posteriormente nesta pesquisa consta também como parte desta relação entre disciplina e sociedade, onde a administração política fictícia em *Feios* utiliza de processos que são similares aos que Foucault define como características da disciplina para o controle em massa dos cidadãos.

Enquanto a disciplina se dirige ao corpo individual, moldando, corrigindo e tornando-o útil, a biopolítica desloca o foco para o coletivo, atuando sobre populações como um todo. Seu objetivo não é mais a docilização do corpo isolado, mas a regulação da vida em escala massiva: controlando nascimentos, doenças, saúde pública, longevidade e padrões demográficos. O historiador aborda ambas em seu livro *História da sexualidade I: a vontade de saber*:

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação, durante a época clássica, desta tecnologia de duas faces – anatômica e biológica –, individualmente e especificamente, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo (Foucault, 1977, p.131).

Outrossim, este controle dos corpos resulta de mecanismos sofisticados de estímulos, pois o modo de recompensar os controlados é um meio eficiente de manipulação sobre estes. Com as pessoas controladas tendo a real ou a falsa noção das consequências positivas, o olhar delas para com o controle não será de mudança, mas de estagnação. As pessoas com poder promulgam este tipo de domínio com interesses políticos-ideológicos. Hoje temos leis políticas que nos proíbem de diversos atos aos quais, nós humanos, batizamos de crime, visando o bem maior da sociedade. Devido ao autobenefício, o governo muitas vezes não é questionado, pela população, por essas dominâncias. Foucault desenvolve este pensamento em seu livro *Microfísica do poder*.

Pois se o poder só tivesse função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos à nível de desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder longe de impedir o saber, o produz. (Foucault, 2024, p.238-239).

Em decorrência disso, é possível analisar este efeito positivo no corpo social atual a partir não apenas das leis anteriormente citadas que garantem o que o governo nomeia de “ordem”, mas também por meio de questões da área da saúde. O controle dos corpos pode ser percebido nas políticas de saúde pública que restringem ou regulam o consumo de certos alimentos, como a proibição ou restrição de gordura trans em alguns países. Essas diretrizes são justificadas pela medicina, mas são uma maneira considerada benéfica para a manipulação de controle de corpos na sociedade atual, onde pessoas, algumas inconscientemente, são controladas, visando o seu bem-estar.

No objeto de estudo, o romance *Feios*, esta compensação de causa e consequência é um dos meios políticos que o governo utiliza para dominar e oprimir a população. As operações obrigatórias, segregamento entre pessoas com faixas etárias diferentes ou, até mesmo, de cidades e governos diferentes, passam como ações corriqueiras da região da protagonista, onde todos aceitam inconscientemente o controle de seus corpos em troca dos benefícios: sem doenças, nem guerras, entre outros que detalharemos mais adiante, no capítulo de análise.

O nono capítulo, intitulado “Poder-corpo”, do livro *Microfísica do poder*, compõe-se por uma entrevista de Foucault de 1975, na qual aborda a relação entre as duas temáticas: corpo e poder. Ao relacionar saber e poder, o autor contempla o corpo como algo além do físico, estabelecendo a ideia de um corpo social, que é biológico, mas também emocional. Após traçar sobre a materialidade e consciência do próprio corpo, Foucault reflete:

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticoloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (Foucault, 2024, p. 235).

Desta forma, o autor sugere que a maneira como as pessoas percebem seus corpos é resultado de um controle externo realizado pelo poder. Ao falar, por

exemplo, sobre ginástica e desenvolvimento muscular, Foucault aborda, também, sobre como estas práticas das disciplinas visam um determinado corpo “belo”. A partir desta busca pelo padrão corporal, o indivíduo começa a desejar este corpo de forma não natural, a partir deste controle social. Desta forma, o poder age controlando a busca por um padrão de “corpo sadio”. Outro ponto relevante para a análise da obra proposta seria um estudo e reflexão sobre as punições e como elas decorrem a partir dos corpos. Para isso, Foucault explica:

[...] os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata — do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. É certamente legítimo fazer uma história dos castigos com base nas ideias morais ou nas estruturas jurídicas. Mas pode-se fazê-la com base numa história dos corpos, uma vez que só visam à alma secreta dos criminosos? (Foucault, 2024, p. 28).

Esta curta explicação do autor aborda três pontos de interesse para seu estudo. Primeiramente, a economia política do corpo é um conceito voltado à organização e regulamentação dos corpos. Foucault argumenta que os sistemas punitivos devem ser analisados não apenas em sua concepção de violência, mas também quanto a esta economia política de controle. Para entender melhor esta ideia, um exemplo seria as comparações entre as punições violentas do passado com as punições hodiernas. Alguns séculos atrás, era possível observar punições como enforcamento, torturas, chicotadas etc. Posteriormente, as leis e as punições transformaram-se em formas mais “educadas” de se punir, como a prisão. Contudo, ao manter um ser humano prisioneiro, sua punição será dentro desta economia política de controle de corpos, onde alguém com mais poder (aqui representado por um conjunto de pessoas das áreas dos três poderes) restringe alguém (prisioneiro) do controle de seu próprio corpo, determinando onde ele está, o que vai comer, como vai se portar, quando pode sair, o que pode fazer, dentre outros comandos.

À luz dessas considerações, é possível compreender o segundo aspecto abordado, que seria da transição do passado, com castigo físico, para a disciplina, com forma “suave”, como a prisão e reabilitação. Contudo, o autor explica que mesmo sem castigos físicos extremos, o corpo continua sendo o centro, ainda existe o controle por meio da vigilância e correção comportamental. Portanto, parte-se para o terceiro aspecto: a docilidade e utilidade do corpo. Foucault introduz a ideia de que

o poder não exclusivamente reprime, mas também treina os corpos, produzindo corpos úteis e dóceis para o sistema de poder, que colabora com o conceito de disciplina, anteriormente abordado também pelo autor. O corpo ideal não é apenas belo: é politicamente funcional, moldado para não questionar, para se integrar e para servir à estabilidade social.

O tema do controle dos corpos por meio do poder relaciona-se com o belo ou o perfeito no romance de Westerfeld, uma vez que o autor explora estes aspectos como formas de controle estético. Poder sobre os corpos e beleza são temas distintos, mas que, a partir do segundo, é possível conseguir obter o primeiro. Por conseguinte, o próximo capítulo abordará questões sobre beleza feminina em um aspecto mais amplo e, posteriormente, como esta pode atuar controlando corpos a partir de modelos estéticos normativos.

3 BELEZA FEMININA E REGULAÇÃO DOS CORPOS

É amplamente reconhecido que a questão da beleza é um dos grandes fatores que moldam a sociedade. Presente em representações de artes antigas até os dias atuais, como nas idealizações estereotipadas promovidas pela mídia, a valorização estética tornou-se uma das formas possíveis de controle social, além de também impactar constantemente o dia a dia de um indivíduo e suas escolhas. Somam-se a isso os fatores de gênero que intensificam a gravidade com a qual a beleza modifica e manipula um ser humano: para as mulheres, a “imagem” que elas devem passar pode interferir diretamente em seu meio social, aquisição de trabalhos, forma de ver e se relacionar com o mundo, dentre outros aspectos. Neste capítulo, focaremos em como a beleza feminina afeta o cotidiano das mulheres e de que modo ela pode ser usada como forma de controle. Para isto, usaremos os livros *O Segundo Sexo* da autora Simone de Beauvoir, *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres* da jornalista e escritora feminista, Naomi Wolf, *Representações sociais do corpo, mídia e atitudes* de Everley Furtado, além de dados numéricos sobre as quantidades de cirurgias plásticas.

3.1 BELEZA FEMININA

Por “beleza” ser um conceito subjetivo e variável, ele sofre influências culturais, políticas, históricas e econômicas. A fim de aprofundar a temática, esta seção concentra-se na análise da beleza feminina enquanto construção simbólica, abordando suas variações históricas e culturais. Para isso, serão considerados os discursos sociais que delimitam o que é considerado belo em determinados contextos, bem como os impactos desses padrões na forma como os corpos femininos são percebidos, valorizados ou marginalizados. Os estereótipos femininos vêm sendo alterados conforme nossa sociedade avança.

Contudo, ainda observamos estes e diversos outros tipos de estereótipos nas sociedades contemporâneas. Estes dizeres que determinam o que se entende por feminino também são alvos de crítica de Beauvoir. A autora concebe também a feminilidade como construção social imposta às mulheres e afirma que não se nasce mulher, torna-se (Beauvoir, 1980). No início de *O Segundo Sexo*, Simone de

Beauvoir denuncia como a construção social da feminilidade desde a infância se ancora em imperativos estéticos. A mulher é ensinada a buscar a beleza como condição para ser amada, feliz e socialmente aceita. Para a autora,

Compreende-se que a preocupação da aparência física possa tornar-se para a menina uma verdadeira obsessão; princesas ou pastóras, é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiúra associa-se cruelmente à maldade, e, quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem, se são seus crimes ou sua feiúra que o destino pune (Beauvoir, 1980, p.33).

Aqui, Beauvoir desmonta a lógica simbólica que associa beleza à virtude e feiura à punição. A mulher feia é retratada como culpada, e o sofrimento que recai sobre ela parece justificado por essa suposta falha estética. A crítica se demonstra na medida em que a aparência não é um atributo neutro, mas um marcador ideológico que define quem merece amor e quem será condenada ao desprezo. Naomi Wolf, em *O Mito da Beleza*, ecoa essa crítica ao mostrar o não-pertencimento da ciência na escolha de padrões de beleza, tendo em vista a ausência de destaque, nos estudos sobre a evolução humana, a algum tipo de DNA mais belo que outro. Logo, os padrões estabelecidos são puramente escolhas humanas ao longo da história, ou seja, um valor socialmente construído e não uma qualidade inata. Ambas as autoras, ainda que com enfoques distintos, desconstruem o ideal da beleza como verdade natural e revelam sua função opressiva nas relações de gênero. Nesse sentido, Wolf comenta que:

A "beleza" não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica. [...] Tampouco é a "beleza" uma função da evolução das espécies, e o próprio Charles Darwin não estava convencido de sua própria afirmação de que a "beleza" resultaria de uma "seleção sexual" que se desviava da norma da seleção natural. (Wolf, 2021, p. 29)

Paralelamente a isso, pode-se destacar o entendimento de que a pressão social e cultural posta em cima das mulheres são atos incorporados e impostos dentro da realidade destas e que se refletem de várias formas, sendo uma das principais a beleza feminina, de maneira não-natural, forçada pela própria sociedade. Destarte, além da aparência estética, o comportamento feminino é outra imposição da sociedade. Não é de hoje que adjetivos como inocente, virgem, recatada, honesta, dona de casa ou amorosa são usados como uma qualidade da

mulher ideal. Isto acontece porque o poder é tirado das mãos femininas desde muitos anos atrás e tais “qualificações” servem de sustento ao meio de vida passivo que as mulheres “devem” levar.

O livro de Wolf foi publicado originalmente no início da década de 1990, período em que o principal meio midiático voltado para o público feminino era o das revistas impressas, diferentemente da atualidade, marcada pela predominância das redes sociais digitais. Apesar da mudança nos suportes e formatos, observa-se uma continuidade nas estratégias de influência e na reprodução de padrões estéticos. Ambas as mídias atuam como veículos de propagação de ideais de beleza que afetam profundamente a maneira como as mulheres percebem a si mesmas e aos seus corpos. Nesse contexto, Wolf afirma que:

As mulheres são profundamente afetadas pelo que as suas revistas lhes dizem (ou pelo que acreditam que elas lhes dizem) porque essas publicações são tudo o que a maioria das mulheres tem como acesso à sua própria sensibilidade de massa. (Wolf, 2021, p.108-109).

De maneira semelhante, a mídia, hoje, principalmente a internet e a televisão, afetam a comunidade feminina quanto aos padrões estéticos, no lugar das revistas físicas. Como a autora Everley Furtado explica em sua tese de doutorado nomeada *Representações sociais do corpo, mídia e atitudes* (2012), os meios de comunicação de massa exercem grande responsabilidade na construção e na propagação de padrões estéticos corporais, promovendo ideais específicos de beleza. Ademais, ao falar sobre a lógica de mercantilização do corpo, a pesquisadora explica que este modelo está cada vez mais presente na cultura contemporânea, evidenciando um paradoxo entre os conceitos de beleza natural e artificial (Furtado, 2012).

Esta contradição explicaria, então, o motivo da notável insatisfação dos indivíduos com seu próprio corpo, ao compararem corpos estereotipados (e possivelmente modificados, seja com filtros, cirurgias ou técnicas de embelezamento) com corpos naturais. Este fator contribui significativamente para o aumento de distorções da realidade quanto à beleza feminina. Além de aumentar inseguranças ininterruptamente e distúrbios alimentares, a busca pela imagem corporal “perfeita” também aumenta o número de procedimentos estéticos.

Esse aumento constante de realizações de cirurgias estéticas gera um movimento que pode ser chamado de “normalização de cirurgias estéticas”, no qual

intervenções médicas antes associadas a casos excepcionais, como acidentes ou deformidades genéticas, passam a ser vistas como parte rotineira da construção da identidade feminina. A indústria do corpo, assim como a da beleza, movimenta uma quantia volumosa de dinheiro à medida que essas imposições de estereótipos ganham espaço na sociedade. No estudo de Furtado, a pesquisadora obteve resultados como: mais de um terço dos estudantes entrevistados pretendem realizar cirurgia estética, sendo principalmente mulheres, faixas etárias menores com mais possibilidade de intervenções cirúrgicas, e mulheres afirmando que o corpo adequado seria o determinante para ser feliz e aceita na sociedade, enquanto para os homens a prioridade seria satisfação na atração do corpo, com apelo sexual (Furtado, 2012). A autora afirma, ainda, sobre os resultados de suas pesquisas: “[...] que os estudantes representam a cirurgia plástica estética como um recurso ‘milagroso’ e impeditivo do envelhecimento, trazendo a noção de *ageless* que vem sendo amplamente difundida pela mídia” (Furtado, 2012).

Diante do que foi evidenciado, a ligação direta entre pressões sociais estéticas e o aumento de cirurgias plásticas é fundamental para o entendimento das condições da sociedade hodierna. Esses dados evidenciam como os imperativos sociais de juventude e perfeição corporal atravessam os sujeitos desde a juventude, especialmente no caso das mulheres, que tendem a internalizar mais intensamente os padrões estéticos hegemônicos. Nesse cenário, a cirurgia plástica é normalizada e posta como “heroica” por não apenas corrigir e aperfeiçoar traços físicos, mas também por atuar como mecanismo de inserção social, validação identitária, mecanismo de pertencimento e correção ou “cura” contra o envelhecimento e diferenças corporais.

Essa normatização de “corpo ideal” e o número constante do aumento de diferenças físicas do padrão que são considerados defeitos contribuem de forma contínua para o “papel” exemplar da mulher na coletividade. A mulher, historicamente situada como objeto de contemplação e avaliação, encontra-se sob crescente submissão a um ideal de beleza inatingível. As intervenções estéticas progressivamente se tornam não apenas uma escolha pessoal, mas uma obrigação necessária para os encaixes nos moldes do padrão da sociedade, que estão se tornando inatingíveis naturalmente.

No livro objeto de estudo deste trabalho, *Feios*, esta normalização é posta em

níveis extremos, onde todos têm que realizar diversas cirurgias estéticas desde jovens. Estes acontecimentos fazem parte de uma ficção, mas quanto mais essas operações forem normalizadas, mais pessoas as realizarão, tornando o mundo fictício de Scott Westerfeld uma realidade gradualmente mais próxima. Dadas essas analogias, é preciso voltar o olhar para a realidade e reconhecer os impactos concretos dessa normalização e o quanto este padrão de beleza pode ser usado como ferramenta de controle.

3.2 BELEZA FEMININA E CONTROLE DE CORPOS

Como discutido anteriormente, a pressão estética atua impondo quais são as normas da perfeição e da beleza. Essa coação é resultado de convenções sociais sustentadas por discursos oriundos de grupos historicamente detentores de poder. Ao longo da história, especialmente em contextos marcados pela lógica capitalista e pelo patriarcado, esses grupos foram majoritariamente compostos por homens. Não é por acaso, portanto, que tais pressões recaem com mais intensidade sobre as mulheres. A imposição de padrões estéticos funciona como um mecanismo de controle social sobre os corpos femininos, naturalizando a ideia de que a mulher deve estar em constante processo de transformação para satisfazer expectativas externas, especialmente as masculinas, e às demandas do mercado de beleza. É possível observar um pouco da relação entre poder e o disciplinamento do corpo feminino na perspectiva de Wolf:

Durante a última década, as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder. Enquanto isso, cresceram em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas. (Wolf, 2021, p. 26)

A citação de Wolf evidencia a contradição central do livro *O mito da beleza*, que pode ser usado para compreender como as questões femininas são manifestas quanto ao poder social que manipula indivíduos, mesmo que inconscientemente. A autora identifica o conceito de “mito da beleza” como uma ferramenta de controle de mulheres. Para a autora, essa concepção refere-se aos mecanismos de poder utilizados contra o feminismo e contra a evolução da mulher, postos por meio de imagens, ou idealizações, de beleza feminina (Wolf, 2021). Dessa forma, o mito

aponta, na verdade, uma contradição: ao mesmo tempo que mulheres ganham poder social, elas são gradualmente mais pressionadas em ideais rígidos de beleza, sendo este mito um mecanismo para enfraquecer e controlar as mulheres.

Dessa maneira, Wolf defende que o mito da beleza é apenas mais um aspecto político utilizado para controle de massa que limita parte da população (mulheres) e destaca a masculinidade, controlando-as com ideais e estereótipos. Deste modo, podemos analisar que este é também um tipo de poder, que excluiu as mulheres, por muito tempo, de cargos e posições importantes na sociedade, resumindo-as a uma “imagem” para contentamento ilegítimo, com a pureza sendo uma das principais normas. À vista disso, Wolf pontua:

As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. *O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência.* (Wolf, 2021, p. 31, grifo do autor).

Dessa maneira, extrai-se que as peculiaridades do padrão de beleza se transformam ao longo do tempo de forma que se adequem aos detentores de poderes atuais de sua época e com as finalidades desejadas. Para isto, o livro de Wolf apresenta diversos exemplos de contextos históricos em que, ao ter algum tipo de avanço, o feminismo era substituído por uma nova onda de beleza ou comportamento. Um dos exemplos de destaque é o período após a Segunda Guerra Mundial. Naquele contexto histórico, muitas mulheres tiveram seus primeiros contatos com o trabalho, já que, com os homens servindo na guerra, foi necessário recorrer à mão de obra feminina para substituí-los. No entanto, durante a desmobilização das forças armadas dos Estados Unidos³, foi preciso retirar as mulheres do campo de trabalho. Para isso, o controle sobre as mulheres passa a ser exercido, segundo Wolf, de modo que

O que a comissão viu nessa decisão das trabalhadoras foi a ameaça aos veteranos de guerra, desempregados devido às trabalhadoras mal remuneradas, o que levaria a perturbações políticas, talvez mesmo a uma repetição da Depressão. Um ano após o final da guerra, as revistas mais uma vez se voltaram — com maior exagero do que antes — para a domesticidade, enquanto três milhões de americanas e um milhão de britânicas eram demitidas ou pediam demissão dos seus empregos. (Wolf,

³ “Desmobilização das forças armadas dos Estados Unidos” refere-se ao processo após a Segunda Guerra Mundial pelo qual o Exército, tendo um excedente de tropas após o fim dos combates na Europa e no Pacífico, identificou e dispensou de forma sistemática e equitativa milhões de soldados do serviço ativo (Bamford, 2020).

2021, p. 99).

É possível observar neste fato histórico que, após um avanço social feminino (a inserção das mulheres no mercado de trabalho durante a guerra), houve um esforço deliberado para reconduzi-las ao papel doméstico, apoiado por discursos culturais e midiáticos. Neste caso, as revistas serviram como ponte para este controle de uma nova imagem que as mulheres deveriam alcançar. O culto à beleza, a supervalorização da juventude e da aparência, e o retorno à domesticidade são mecanismos que recolocam as mulheres em posições de dependência — ainda que sob uma aparência de escolha pessoal ou naturalidade.

Com esta ocorrência, podemos entender que o fator “controle de corpos” que Foucault debatia pode ser apresentado e realizado a partir dessa idealização de beleza. Embora não seja o foco de Wolf, seu livro reforça aspectos que sustentam a ideia de que a busca pelo corpo perfeito e/ou o ideal de beleza estabelecido naquele momento da história (já que este padrão idealístico muda com o passar do tempo) são ou podem ser usados como controle de massa. Sobre isso, Wolf escreve:

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. (Wolf, 2021, p. 27).

A autora afirma que, apesar de avanços em várias áreas, como a educação e os direitos das mulheres, a pressão estética ainda persiste e continua sendo uma das formas mais fortes de controle, o que leva também à reflexão sobre a perduração dessa manipulação sob o corpo feminino no futuro. Nesse sentido, é possível considerar que, diante da constante renovação de padrões estéticos impulsionada pela indústria da beleza, pelas mídias sociais e por discursos normativos internalizados desde a infância, tal controle tende não apenas a se manter, mas a se sofisticar.

Esta reflexão se articula diretamente com a distopia apresentada em *Feios*, de Scott Westerfeld, que espelha uma imagem futura, de forma fictícia e drástica, de estes aspectos, ao apresentar um cenário onde há a continuidade e sofisticação do controle estético ao longo do tempo. Tal como aponta a citação, a manipulação dos corpos femininos não desapareceu com o avanço social, mas se reinventou por meio de discursos normativos e tecnologias cada vez mais invasivas, como as

cirurgias estéticas impostas aos personagens.

Por meio de estereótipos previamente discutidos neste capítulo, observa-se que o controle vai além da dicotomia tradicional entre feminino e masculino. Estruturas de poder como o capitalismo e governo também ditam padrões sociais relacionados à estética. A manipulação constante do mercado em relação à indústria da beleza é um dos grandes motivos do crescimento assíduo de novas idealizações, defeitos e imperfeições no corpo, como já debatido anteriormente sobre o aumento de cirurgias estéticas. Entretanto, além do mercado e da mídia, o próprio Estado também participa da formação e preservação dos padrões estéticos ao definir políticas de saúde, regular práticas médicas e veicular campanhas que, direta ou indiretamente, reforçam ideais de corpo saudável e desejável. Assim, sob o pretexto de bem-estar, prevenção ou cidadania, o poder institucional contribui para normatizar modelos corporais atualmente ditos como saudáveis.

Diante das análises apresentadas, torna-se notório o quanto a padronização de beleza influencia a visão do corpo para mulheres, com influências culturais, sociais, midiáticas ou institucionais. Conclui-se que a virtude do que é considerado “belo” para a mulher parte de um conceito ideológico, não neutro, pelo qual beleza é categorizada em estereótipos de comportamento, midiáticos, artificiais, com distorções da realidade. Desde os estereótipos de gênero historicamente enraizados até as novas formas de vigilância promovidas pelas mídias sociais, o ideal de beleza tem operado como um instrumento disciplinador, que impõe às mulheres a constante necessidade de aperfeiçoamento físico. A partir do aumento do número de cirurgias estéticas, podemos observar a normalização da busca por uma perfeição inalcançável, que também está relacionada com o controle social dos corpos, que, por sua vez, remete ao poder político.

Com base nestes pressupostos, torna-se imprescindível compreender de maneira mais aprofundada como estes conceitos de beleza se manifestam em outras ações presentes na obra *Feios*, de Scott Westerfeld. Ao longo deste capítulo, foi possível compreender como questões estéticas influenciam e podem funcionar como ferramenta de controle social. A visão do corpo a partir das imagens estereotipadas de beleza, assim como as pressões sociais femininas, são ocorrências perceptíveis nas dinâmicas sociais cotidianas. Observar como elas aparecem em uma obra literária futurista e distópica, como em *Feios*, permite

ampliar a compreensão e reflexão acerca da permanência destes discursos de poder e de normatizações estéticas, que se projetam além do presente, reafirmando-se na literatura, em diferentes contextos sociais. A análise da obra a partir da temática de beleza mostra-se necessária, uma vez que este é o conflito principal do romance em estudo.

4 “UM MUNDO DE CLONES”: DITADURAS DE PODER E BELEZA SOCIAL EM FEIOS

Neste capítulo, serão analisados trechos do romance *Feios*, de Scott Westerfeld, buscando observar as representações de corpo, controle de corpos, beleza, como também refletir sobre a normalização de cirurgias estéticas como ferramenta de manipulação social. A análise focará nas concepções da protagonista, Tally Youngblood, e nas interações que decorrem à sua volta e em seu mundo. Além disso, convém destacar que *Feios* é uma obra com diversas interpretações e, nesta pesquisa, será dado um enfoque maior às cenas que dão destaque às temáticas aqui estudadas: controle de corpos e beleza. Para isso, este capítulo está dividido em, respectivamente: resumo do romance, o caráter distópico do romance, controle de corpos e sua influência no enredo, beleza e beleza feminina no contexto da narrativa.

4.1 ESTÉTICA DISTÓPICA: *FEIOS* E SUAS PARTICULARIDADES

Feios é um livro distópico, de autoria de Scott Westerfeld, publicado em 2005. A história é narrada em terceira pessoa, sob o ponto de vista da personagem protagonista, Tally Youngblood, uma adolescente de 15 anos. Por mais que Tally não seja a pessoa narrativa, o narrador apresenta focalização interna limitada à garota, ou seja, o leitor acompanha a história apenas no ponto de vista de Tally, com conhecimentos do mundo da obra limitados aos da personagem.

Nessa realidade fictícia, as pessoas são separadas em grupos sociais artificialmente divididos. Essa segregação ocorre porque todos que completam 12 anos são pertencentes à classe dos *feios* e após, aos 16 anos, são levados pelo Estado para a realização de uma série de cirurgias para, então, serem reclassificados como *perfeitos*, quando se tornam aptos para morar com outros *perfeitos*, na cidade de *Nova Perfeição*. Estas cirurgias são uma tentativa do governo de criar corpos perfeitos, com aspectos físicos em um padrão artificial que nenhum humano sem as cirurgias consegue adquirir.

No começo da narrativa, a personagem Tally se encontra animada para passar pelas cirurgias para reencontrar seu amigo, Peris. No processo, ela conhece Shay, que também está sozinha nos dormitórios dos *feios*, ao ser abandonada pelos seus amigos mais velhos após passarem por todas as modificações. Ao longo da história, as garotas refletem sobre o abandono que os *feios* experimentam quando seus amigos se tornam *perfeitos* e rompem os laços com o passado até que estes também sejam inseridos na “sociedade perfeita”:

– Mas, quando você se torna perfeita, vai para Nova Perfeição. – E daí? Os perfeitos têm permissão para vir aqui. E para escrever. – Eles nunca fazem isso – disse Tally impaciente. [...] – Fico imaginando por que eles nunca voltam – disse Shay. – Nem para uma visita. – Porque somos feias, Magrela. Por isso. (Westerfeld, 2010, p. 40-41).

Posteriormente, reflexões sobre estes tipos de atitudes fazem Tally começar a entender Shay, que se junta a um grupo de rebeldes (*Fumaça*) de fora da área de controle do governo da região em que elas moram, objetivando não passar pelas transformações obrigatórias do governo. Os responsáveis por controlarem e persuadirem quaisquer pessoas que se rebelam são os *especiais*, *perfeitos* que passaram por novas cirurgias para obterem aparência assustadora e músculos para lutas ou perseguições. Os *especiais* são um grupo secreto, já que a sociedade de *Nova Perfeição* não nota os meios de controle que estão sofrendo diariamente.

Além de Tally, Shay, e Peris, outros dois personagens são fundamentais para o desenrolar da pesquisa: a dra. Cable e David. A importância da Dra. Cable será abordada posteriormente, dado que ela é a maior figura política nomeada dentro da obra e tem poder direto de controle sobre Tally e outros cidadãos. Dra. Cable pertence à classe dos *especiais*, tendo direito de comandar todos os outros: *feios*, *perfeitos*, *perfeitos de meia-idade* e *idosos*. *Idosos* e *perfeitos de meia-idade* são classes de perfeitos mais velhos, que saíram de *Nova Perfeição*, passaram por séries de outras cirurgias (para obterem características maduras) e foram morar na *Vila dos coroas*. Por sua vez, o espaço em que David se insere representa um contraste com o que Tally cresceu: nasceu e mora na *Fumaça*, vivendo no meio da natureza e sem controle direto exercido por *especiais* em seu corpo. Sem a obrigação da perfeição, David está inserido em uma realidade menos alienante.

Como exposto anteriormente, *Feios* pode ser inserido no gênero de distopia, considerando a crítica social que promove ao projetar uma sociedade futura, a partir

do que Claeys (2017) denomina como uma preocupação crescente com a identidade humana e seus tipos de dominação. Ao utilizar este cenário, Scott Westerfeld não apenas cria uma narrativa que pode cativar o público de jovens adultos, mas também se utiliza de características distópicas para produzir uma obra que provoca reflexões sobre temas contemporâneos. Alguns dos temas recorrentes no gênero e que são utilizados pelo autor são o controle, a opressão e a perda da liberdade individual, que, por sua vez, são exagerados e dispostos como forma de alertar o leitor sobre possíveis caminhos perigosos para a humanidade.

Isto posto, torna-se pertinente analisar algumas das características distópicas presentes na narrativa, como a perda da individualidade, sociedade altamente controlada e hierarquizada, rito de passagem obrigatório e artificial, resistência e rebeldia. Diante do exposto, as temáticas propostas nos capítulos anteriores serão analisadas tendo como base o fundo distópico que o autor utiliza para a construção de um espelho crítico com o meio social.

4.2 “OS MÉDICOS ACABAM FAZENDO O QUE QUEREM, NÃO IMPORTA O QUE VOCÊ PEÇA”: ANÁLISES DE DISTOPIA E CONTROLE EM FEIOS

Uma ideia na obra ligada diretamente com distopia é o controle dos corpos. Os corpos dos cidadãos são pertencentes ao governo, já que eles têm o poder de tomá-los para adequá-los em seus padrões estéticos. No mundo real, alguns padrões estéticos são exigidos, direta ou indiretamente, para certos cargos sociais. Contudo, no contexto do livro, existem modelos extremamente rígidos para serem alcançados para que um indivíduo possa viver em vida plena, não existindo qualquer opção ou escolha a ser feita contra estas normas impostas pelo governo. Estes padrões de perfeição são parcialmente descritos no dia previsto das cirurgias de Tally, quando ela está refletindo sobre sua situação, logo após Shay fugir para a *Fumaça* e um garoto questioná-la por que estava triste, já que era seu dia de transformação, deixando implícito que este deveria ser um dia de felicidade:

Devia contar ao novo feio que, em algum momento daquela tarde, seu corpo seria aberto; os ossos amassados até estarem no formato certo; outros esticados ou recheados; a cartilagem do nariz e os molares retirados e substituídos por plástico programável; a pele limpa e semeada novamente como um campo de futebol na primavera? Que seus olhos seriam cortados a laser para se obter uma visão perfeita para o resto da vida; que implantes reflexivos seriam encaixados sob as íris para acrescentar tons dourados ao

castanho apático? Que seus músculos seriam modelados com uma noite de eletrólise e que sua gordura seria sugada para sempre? Que seus dentes seriam trocados por cerâmica tão resistente quanto a asa de um avião suborbital e tão branca quanto a porcelana do dormitório? (Westerfeld, 2010, p. 99)

Esta passagem do livro pode ser relacionada ao que Butler (2023) discorre sobre a construção do corpo antes do signo. A descrição cirúrgica revela um processo extremo de intervenção tecnológica sobre o corpo humano, uma reconfiguração do corpo baseada em padrões estabelecidos pelos detentores de poder. Na crítica de Butler (2023), o corpo “fixo” e ideal só existe porque um discurso o constrói. Assim, o próprio discurso cria uma idealização de um corpo “natural”, que, na verdade, é artificial: produto de normas sociais e de linguagem. No universo do romance, os corpos antes das cirurgias são postos como inferiores e temporários, com as cirurgias exercendo um papel de corretivo: as correções do corpo feio para seu verdadeiro e desejável estado: a perfeição. A cirurgia obrigatória, portanto, não revela um corpo “real” ou “melhorado”, mas produz esse corpo normativo a partir da repetição de práticas discursivas, sociais e estéticas, exatamente como propõe Butler em sua crítica à naturalização dos corpos.

Este fator persuade em como a sociedade da cidade de Tally vê e entende o conceito de corpo e também como este conceito é posto em forma de estratégia contra ela. No romance de Westerfeld, o termo “biologia” é utilizado seis vezes ao longo da história para reforçar a explicação dada nas escolas sobre como este padrão corporal foi selecionado. Na história, os personagens são levados a acreditar que estas nomeações de medidas exatas (como as de altura, tamanho de nariz, cintura, boca etc.) são cientificamente comprovadas como as corretas por meio da biologia. Além disso, diversos outros fatores sociais são os motivadores da execução dessas cirurgias estéticas em todos os indivíduos. Esta é uma descrição do conceito de controle de corpos que, aqui, é feito na relação governo (detentores de poder) para com a sociedade. Os “rebeldes”, como Shay, são pessoas que analisam essa relação de poder com outro olhar:

Seu nariz não é feio. E também gosto dos seus olhos. – Meus olhos? Agora você ficou maluca de vez. Eles são muito próximos. – Quem disse isso? – A biologia. Shay jogou água na cara da amiga. – Você não acredita nessa besteira de verdade, acredita? Que só há uma aparência certa, e que todo mundo é programado para concordar com ela? – Shay, não é uma questão de acreditar. A gente simplesmente sabe. Você já viu os perfeitos. Eles são... maravilhosos. – Eles são todos iguais. – Eu também achava isso.

Mas, quando eu e Peris íamos até a cidade, víamos vários perfeitos. Acabamos percebendo que eles são diferentes. Têm suas próprias características. Só que mais sutis, porque eles não são um bando de esquisitos. – Não somos esquisitas, Tally. Somos normais. (Westerfeld, 2010, p. 83-84).

Na passagem acima, Tally reafirma a padronização enquanto Shay demonstra pensamento crítico, provavelmente proveniente de conhecimentos da *Fumaça*, já que estes contam com séries de argumentos contra a organização política que retira a liberdade de escolha quanto a sua própria aparência. Isto apenas reforça as ideias de Foucault quanto ao corpo no campo político descritas no livro *Vigiar e punir*. A utilização econômica dos corpos é realizada almejando uma sociedade com a mesma resistência de pensamentos de Tally, visando corpos dóceis, servis e lucrativos para o governo. Para isso, os governantes utilizam-se da “disciplina”, conceito postulado por Foucault discutido anteriormente. É possível observar esse adestramento por meio da disciplina, por exemplo, nas falácia que dra. Cable usa para manipular os pensamentos de Tally:

– Tally, esta cidade é um paraíso. Garante alimento, educação e segurança. E transforma todos em perfeitos. – As palavras despertaram um sentimento inevitável de esperança em Tally. – E nossa cidade oferece grande liberdade. Deixamos que os jovens aprontem, desenvolvam sua criatividade e independência. Ocasionalmente, porém, coisas ruins vêm de fora da cidade. – A dra. Cable estreitou os olhos, lembrando ainda mais um predador. – Existimos em equilíbrio com nosso ambiente, Tally. Purificamos a água que devolvemos ao rio, reciclamos a biomassa e usamos somente energia retirada de nossos próprios painéis solares. Mas, às vezes, não conseguimos purificar o que chega de fora. Às vezes, aparecem ameaças no ambiente que precisamos enfrentar. Ela fez uma pausa. – Às vezes acontecem algumas circunstâncias especiais – completou. (Westerfeld, 2010, p. 108-109).

Nessa cena, a especial dra. Cable utiliza-se de alguns dos argumentos utilizados como “motivações” dessas cirurgias. Para entender como o controle sobre os corpos funciona por meio de falas, como essa de Cable, são necessárias duas considerações. A primeira elucidação dá-se em compreender a esquematização política do livro: o governo é impessoal e sistêmico. Não há apenas um governante, o poder dentro da região de Tally (que não tem nome próprio e é dividida entre cidades separadas por florestas) é exercido por instituições altamente organizadas que controlam a sociedade por meio de alta tecnologia, vigilância e normatização corporal. O sistema funciona como uma tecnocracia autoritária em sua estrutura e

tecno-autoritário em seus métodos de controle, onde os *especiais* funcionam como uma “polícia política”, ditando regras, controlando informações, monitorando cidadãos e intervindo quando alguém vai contra o sistema, de forma similar a uma ditadura. Dra. Cable é a chefe das *Circunstâncias Especiais*, sendo uma das pessoas com mais poder de toda a região.

O segundo argumento, dado pelos governantes, que consegue êxito no domínio de submissão da população, são fatores sociais que advém do passado da história, onde existiam os *Enferrujados* (que representam, supostamente, nossa realidade atual que, após séries de desastres causados por consequências de fatores humanos, reduziu a população significativamente). Nas escolas é ensinado, por exemplo, que um dos grandes benefícios das cirurgias para toda a população é a paz que estas garantem por todos serem iguais, já que na época dos *Enferrujados* existiam guerras, segregações, preconceitos e doenças advindas da aparência estética, quando alguém poderia ser considerado “melhor” que alguém. Este fato pode ser notado nesta passagem:

– Claro. Até parece que as coisas eram maravilhosas quando todo mundo era feio. Ou será que você perdeu essa aula na escola? – Eu sei, eu sei. Todo mundo julgava os outros pela aparência. As pessoas mais altas conseguiam empregos melhores, e o povo votava em certos políticos só porque eles não eram tão feios quanto a maioria. Blá, blá, blá. – Isso aí. E as pessoas se matavam por coisas como uma cor de pele diferente. – Tally balançou a cabeça. Por mais que repetissem aquela história dezenas de vezes na escola, ela nunca tinha acreditado de verdade. – Então, qual é o problema de as pessoas serem mais parecidas agora? É o único jeito de tornar as pessoas iguais. (Westerfeld, 2010, p. 47).

É possível observar que, além das disciplinas, o outro componente do biopoder, a biopolítica, atua de forma conjunta para este manejo contra a população. Fatores individuais se mesclam aos coletivos visando pretextos para justificar o domínio político. Este pensamento de Tally no começo da história evolui após ela chegar na *Fumaça*, conhecer o modo de vida dos habitantes que moram no meio da natureza como os *Enferrujados*, e ver pela perspectiva de David e seus pais, médicos cirurgiões que fugiram após levantarem hipóteses, ao notarem lesões cerebrais em *perfeitos*, de que seus trabalhos estavam sendo utilizados para controle de massa e que também eram controlados:

—Bem, você sabe como os *Enferrujados* viviam, não sabe? As guerras, o crime, essas coisas. — Claro que sei. Eles eram loucos. Quase destruíram o mundo. — E isso convenceu as pessoas a separarem as cidades da natureza, a deixarem a vida selvagem em paz — prosseguiu David. — E agora todos são felizes, porque todos são iguais. Todos são perfeitos. Nada de *Enferrujados*, nada de guerra. Não é isso? — É, sim. Na escola, eles costumam dizer que é tudo muito complexo, mas a história é basicamente essa. — Talvez não seja tão complicado — disse David, com um sorriso irônico. — Talvez as guerras e todas as outras coisas tenham acabado simplesmente porque não há mais controvérsias, discordâncias ou pessoas reivindicando mudanças. Apenas massas de perfeitos sorridentes. E algumas outras pessoas que controlam tudo. Tally se lembrou das travessias até Nova Perfeição, da imagem dos perfeitos em sua diversão sem fim. Ela e Peris costumavam dizer que nunca ficariam tão idiotas, tão superficiais. No entanto, quando os dois se reencontraram... — A transformação em perfeito não muda apenas a aparência — concluiu. — Não — disse David. — Muda sua maneira de pensar. (Westerfeld, 2010, p. 260-261).

Nesse jogo, a população é levada a acreditar nos benefícios reais, potenciais ou falsos que estas normalizações de cirurgias estéticas trazem para a sociedade. Dessa forma, os sujeitos não exercem pensamentos críticos ou questionamentos ao governo. Mulheres e homens são dominados pelo autobenefício da “perfeição”, considerando os fatores que englobam a natureza (pois este é outro fator social dito como melhor na sociedade presente da narrativa em comparação com a época dos *Enferrujados*), ou apenas ao costume de serem controlados pela disciplina. Afinal, provavelmente ninguém teria o desejo de enfrentar as adversidades passadas pelos *Enferrujados*, cuja fonte desta informação também era do governo, que a ditava nas escolas.

Contudo, mesmo com os benefícios, ao receber informações que a permitia formular pensamentos críticos e questionar a confiabilidade de seu governo, Tally começa a considerar as teorias revolucionárias de seus novos colegas, já que a liberdade é uma condição muito importante para a protagonista. Logo, ela duvida da própria maneira de perceber os corpos, pois estes são resultados do controle extremo do poder exercido na cidade. A representação deste controle pode ser associada às reflexões de Foucault (1987) no que concerne os sistemas punitivos, com o corpo como alvo de poder. Com base nos três eixos propostos por Foucault — a economia política do corpo, a suavização da punição e a produção de corpos úteis e dóceis — é possível aprofundar a leitura distópica da sociedade apresentada em *Feios*.

Nessa linha de pensamento, a economia política do corpo na obra decorre de o Estado controlar os corpos desde o nascimento até a idade adulta e da obrigatoriedade das cirurgias como parte de uma estrutura sistemática de gestão corporal. Já a suavização da punição desenrola-se dado que a cirurgia é benéfica, mas também um dispositivo disciplinar. À vista disso, não há punição física, pública ou tortura, mas exclusão social dos que não se submetem ao sistema. Por exemplo, os que fogem para a *Fumaça* são caçados e tomados como perigosos. A terceira concepção parte da ideia de que o corpo pós-cirurgia não é só bonito: ele é padronizado para se encaixar num modelo de comportamento ideal (comportamento mais “leve”, menos questionador, mais conformado). Na história isto é refletido quando Shay é capturada, transformada em *perfeita* e retorna diferente: mais passiva e integrada ao sistema. A normatização estética na história também é uma normatização subjetiva e política. Um dos exemplos de punição direta para Tally ocorre em forma de ameaça e coerção, ainda na primeira metade da trama:

A dra. Cable mostrou os dentes. Daquela vez, nem sequer lembrava um sorriso. A mulher não passava de um monstro vingativo e desumano. – Então também vou lhe fazer uma promessa, Tally. Até que resolva nos ajudar, com toda boa vontade, não se tornará perfeita – afirmou, virando-se de costas. – Por mim, você pode morrer feia. A porta se abriu. O homem assustador estava do lado de fora, de onde não havia saído nem por um minuto. (Westerfeld, 2010, p. 111).

Nesse contexto, além do poder direto que os *especiais* aplicam, há outro tipo de corpo idealizado artificialmente com seu propósito. Os *especiais* passam por cirurgias diferentes, para que possam parecer ameaçadores e passarem medo apenas pelo olhar, como Tally observa: “em vez de sábio e seguro, o homem parecia frio, autoritário e ameaçador, como um imponente animal de caça. Assim que ele se aproximou, Tally começou a perguntar o que estava acontecendo, mas um simples olhar a fez se calar” (Westerfeld, 2010, p. 103).

Consequentemente, é notório o uso dos corpos da população objetivando usos e resultados individualistas para os detentores de poder. Nessa instância, a sociedade é dividida entre o grupo da massa geral dentro de corpos dóceis, disciplinados, que é facilmente submisso às vontades de superiores e com a provável falsa idealização de perfeição, liberdade e autonomia; os seres responsáveis em ditar regras, punir ou prender, com corpos robustos de músculos,

dentes pontiagudos, aparência amedrontadora e intimidante; e, os pais (meia-idade), com aparência e gestos que transmitem sabedoria, verdade e autonomia.

Por outro lado, toda esta manipulação presente na narrativa gira em torno de uma temática principal: a ditadura da beleza. A perfeição é a principal preocupação da protagonista durante uma grande porção da narrativa, além de questões de amizade, amor e a preocupação ao descobrir, perto do final da história, o controle forçado dos cérebros de *novos perfeitos*. Além de Tally, os sujeitos ao redor da garota são implicados por este contexto de perfeições, onde todos entre 12 a 16 anos são empregues na classe de *feios* e parcialmente segregados (já que não têm permissão de ir para *Nova Perfeição* se misturarem com *perfeitos*) na *Vila Feia*, que serve como dormitório para todos os adolescentes. Os jovens convivem e estudam juntos na vila, tendo liberdade de saída apenas para a casa dos pais nos subúrbios, nas férias. Eles ficam nessa rotina até completarem a idade necessária para a realização das cirurgias estéticas e morarem em *Nova Perfeição*. Este fato resultou na necessidade de partir para debates de questões estéticas na análise do romance.

4.3 A BUSCA PELA PERFEIÇÃO

Por mais que, como abordado no capítulo anterior, a beleza seja um tópico importante para a sociedade, sabemos que os estereótipos de beleza são um conjunto de convenções sociais e não uma conceituação categórica por parte da ciência. No entanto, no romance em questão, estas normas do que seria belo ou não já foram definidas previamente. A narrativa não exemplifica de forma exata e direta quem escolheu os padrões de beleza empregados nas cirurgias, mas revela que os padrões são baseados em supostas normas biológicas de simetria e harmonia facial, provavelmente definidas por convenções de cientistas, cirurgiões e organizações de poder pós-morte dos *Enferrujados* e avanço tecnológico na ficção.

Antes de analisar os estereótipos de beleza feminina apresentados em *Feios*, é necessário considerar outros aspectos da construção da feminilidade, como aqueles discutidos por Simone de Beauvoir (1980) que ajudam a compreender as bases culturais e sociais desse controle sobre o corpo, especialmente o feminino. Beauvoir discorre acerca da construção social da feminilidade e da busca da mulher, desde a infância, pela beleza como exigência para ser amada, feliz e socialmente

aceita. No contexto do romance, a protagonista diversas vezes demonstra insatisfação pessoal em relação ao seu próprio corpo e incertezas sobre suas relações pessoais. Ela busca comprovação e validação do seu amigo homem, Peris, que passa pela cirurgia primeiro.

Apesar de Tally nutrir sentimentos por Peris, a trama não desenvolve um relacionamento amoroso entre ambos. No lugar, a garota tenta preencher a sua existência com a aceitação e a busca pelo amor através da beleza, como fica evidente no diálogo a seguir entre Tally e David:

– Acha mesmo que sou bonita? – Acho. – Mais do que a Shay? – Os dois ficaram em silêncio sem reação. A pergunta havia escapado antes que Tally pudesse parar para pensar. Ela própria não sabia como podia ter dito algo tão terrível. – Desculpe. – É uma pergunta pertinente – disse David. – Sim. – Sim o quê? – Sim, você é mais bonita do que a Shay – respondeu David, num tom tão natural, que ele poderia estar falando do tempo. (Westerfeld, 2010, p. 270).

Ao analisar o trecho acima, é importante considerar que Tally ainda não conseguia compreender a ideia de beleza além do que ela foi condicionada a considerar belo. Este reforço da pergunta sobre sua beleza, mesmo sem passar por nenhuma cirurgia, confirma a descrença de Tally de que poderia ser amada e apreciada sem as cirurgias, em sua forma natural. Há, ainda, o fato de que Tally se preocupa com a amizade de Shay, já que suspeita que esta também gosta de David. Mas, ao exprimir seu pensamento, sua dúvida quanto à comparação das duas se perde ao não conseguirmos identificar se esta parte da rivalidade feminina, que faz parte também dessa obsessão com a beleza, ou apenas uma preocupação com a outra garota.

Esta discrepancia das noções de “belo” de David e de Tally reforça a ideia postulada por Naomi Wolf (2021) quanto à beleza não ser universal. Em *Feios*, Westerfeld explora as concepções do que é feio ou belo a partir do contexto social no qual cada personagem está inserido. Tally entende como lindos apenas os humanos após cirurgias estéticas, já que o corpo dito “perfeito” em sua região não preexiste à cirurgia de forma alguma, ele é exclusivamente produzido. Já David, que foi criado toda a sua vida na *Fumaça*, não demonstra buscas ou sequer preocupações com estereótipos de beleza. Para o rapaz, as questões do seu cotidiano, como aventuras, amigos, trabalho em equipe e sobrevivência, se exteriorizam como mais interessantes. As “qualificações” femininas se demonstram

também no desejo de Tally de ser finalmente ouvida e mais inserida socialmente, efeito que ela espera obter pós-cirurgias:

– Shay, eu nunca me acostumaria à ideia. Não quero ser uma feia para o resto da vida. Quero aqueles olhos e lábios perfeitos, quero que todos me vejam e fiquem impressionados. E que todos que me virem perguntam “quem é ela?” e queiram me conhecer e queiram ouvir o que tenho a dizer. – Prefiro *ter* algo a dizer. – O que, por exemplo? Hoje matei um lobo e comi sua carne... (Westerfeld, 2010, p. 94, grifo do original).

De forma paralela com nossa realidade, Westerfeld amplia diversos problemas e desafios que mulheres enfrentam na busca pelo corpo perfeito, principalmente com as influências de mídias sociais. Se no passado as revistas tinham papel de destaque na reprodução dos padrões de beleza femininos, como fora observado por Wolf, na contemporaneidade as mídias de internet ocuparam o espaço de construção da beleza. No romance em análise, o escritor verbaliza como o poder e a visibilidade midiática estão presentes em todas as instâncias. Para além da tela de um celular, das páginas de uma revista, da TV, ou de outro meio midiático, os corpos e rostos padronizados são transformados em discursos da perfeição em todos os espaços, e nas conversas entre famílias, amigas, professoras, mulheres que trabalham para o público etc. As mulheres possuem o mesmo padrão de beleza que as tornam até mesmo difíceis de serem distintas. Esta percepção da beleza como algo fixo transforma-se no desejo de se sentir pertencente ao mesmo lugar e a mesma posição social, que é a considerada correta na obra do autor norte-americano.

Westerfeld problematiza a normalização de cirurgias estéticas a partir do discurso literário. Em *Feios*, a cirurgia de redefinição do corpo é caracterizada como um artifício para a evolução humana, algo que remete a posturas perigosas de nossa história, que buscaram criar sociedades eugenistas e puras. Nesse sentido, a comparação entre o nosso contexto histórico e o universo da narrativa de Westerfeld produz uma reflexão pertinente: enquanto o acesso às cirurgias é inalcançável devido ao fator econômico para a maior parte da população, este não é um problema no contexto do romance, uma vez que todos têm acesso às cirurgias para a padronização de indivíduos, seguindo as normas de cada gênero. Dessa forma, com o avanço das tecnologias médicas e técnicas estéticas, talvez Westerfeld esteja fazendo uma previsão sobre o nosso futuro.

De volta à análise, a narrativa imprime os traços ideais da beleza feminina. Em uma cena, Tally ajuda Shay a fazer uma versão sua *perfeita* em um software que todos os *feios* têm acesso. No dispositivo, é possível encontrar algumas das designações de beleza no feminino:

O software cuidou de tudo. Os olhos foram crescendo gradualmente, fazendo o nariz diminuir, e as maçãs do rosto subiram e os lábios ficaram um pouquinho mais cheios (já tinham um tamanho quase perfeito). Todas as manchas sumiram; a pele não tinha mais falhas. Por baixo dela, os ossos se moveram sutilmente, puxando a testa para trás, deixando o queixo mais definido e a mandíbula mais firme. Ao fim, Tally assobiou. – Ei, já está muito bom. – Ótimo – grunhiu Shay. – Estou igual a todas as outras perfeitas do mundo. (Westerfeld, 2010, p. 45-46).

O corpo ideal feminino padronizado torna-se alvo da dominação política e governamental. No entanto, o controle estético na obra afeta homens e mulheres. Se Wolf, por meio de sua crítica feminista, via a mulher como aquela que está sujeita ao mito da beleza, no romance de Westerfeld ambos os sexos são partes da mesma ferramenta de controle de massa e opressão generalizada. Nota-se a vigilância e a docilização dos corpos, que disfarçam a submissão como liberdade e a padronização como progresso.

É importante ressaltar que no romance, ambos os sexos são controlados a partir dos ideais de beleza, não apenas pessoas do sexo feminino. Como debatido anteriormente, sabe-se que os padrões estéticos e a pressão social ou midiática na realidade, voltam-se, muitas vezes, ao feminino. Contudo, na obra, todos os humanos devem sujeitar-se a normatização estética imposta, como uma imagem agravada do presente. Esta pesquisa se delimita ao estudo de beleza feminina e não masculina ou apenas geral, devido ao paralelo com a realidade, onde mulheres são o principal alvo destas normas, além da protagonista ser do sexo feminino. Merece destaque, também, o fato de que a principal imagem política de controle também é feminina: dra. Cable, além da melhor amiga de Tally, Shay.

Como visto, esta docilização deixa os jovens submissos às informações que recebem. Entretanto, há discussões sobre a natureza e a credibilidade do “belo”, especialmente quando Shay discute com Tally acerca da noção de que o ser “feio” pode ser subjetivo e não apenas o que foram condicionadas a acreditar:

– Tudo bem, Shay, David existe. E ser feio também existe. Não dá para mudar isso fazendo um desejo ou repetindo que você é perfeita. Aliás, essa é a razão de terem inventado a operação. – Não passa de enganação, Tally.

Em toda a vida, você só viu rostos perfeitos. Seus pais, seus professores, todos que têm mais de 16 anos. Mas você não nasceu esperando encontrar sempre esse tipo de beleza em todo mundo. Simplesmente foi programada para achar que qualquer coisa diferente é feia. – Não é ser programada. É apenas uma reação natural. E, mais importante ainda, é justo. Antigamente, tudo era aleatório. Havia algumas pessoas meio bonitas, e a maioria estava condenada a ser feia pela vida inteira. Agora todos são feios... até se tornarem perfeitos. Ninguém sai perdendo. (Westerfeld, 2010, p. 84-85).

Assim, Tally reflete sobre as supostas preocupações que o governo ditava nas aulas, trazendo aspectos negativos enfrentados, como a bulimia, a anorexia, o bullying, a exclusão social por preconceitos, entre outras adversidades. Em outro momento da narrativa, a garota encontra uma revista (processo midiático que influenciava padrões de magreza em modelos) da época dos *Enferrujados* onde ela encontra alguns desses discursos disciplinadores moldados em cima de questionamentos válidos no que se refere a padronização de corpos:

A mulher parecia estar passando fome. No tronco, as costelas se destacavam, e as pernas eram tão finas que Tally não entendia como aguentavam o peso do corpo. Os cotovelos e os ossos pélvicos eram pontudos. Apesar de tudo, a mulher sorria e aparentava se orgulhar do corpo, como alguém que tivesse acabado de passar pela operação sem perceber que haviam retirado gordura demais. O curioso era que seu rosto estava mais perto de ser perfeito do que o resto. Ela possuía olhos grandes, pele sedosa e nariz pequeno, mas as maçãs do rosto eram protuberantes, praticamente visíveis sob a pele. [...]. – Ela tem aquela doença! Aquela que os professores sempre mencionavam. – Provavelmente. Sempre achei que não passasse de uma invenção para nos assustar... (Westerfeld, 2010, p. 194-195).

Além de escutar Shay afirmar que se assustava com histórias ditas nas escolas, Tally relembra que nestas histórias muitas pessoas sentiam vergonhas de gordura, principalmente mulheres jovens, que contraíam doenças ao buscarem magreza e que este era um dos notórios motivos para as cirurgias estéticas que enfrentavam (Westerfeld, 2010). Ao final da narrativa, a protagonista entra em conflito. Tally acredita nos benefícios que o projeto político de controle social transmite, na beleza perfeita que tanto foi ensinada a desejar, mas percebe que as cirurgias também modificam sua forma de ver e entender o mundo, tornando-a alienada.

Em síntese, na sociedade distópica do romance *Feios*, a dominação se dá pela beleza, na forma como o corpo se transforma em objeto de troca por poder e instrumento de vigilância que exerce domínio no imaginário da população. O romance de Westerfeld possibilita reflexões críticas acerca de questões de poder,

corpos, beleza e feminismo, e como estas estão interligadas com acontecimentos do cotidiano. Conclui-se que *Feios* é uma obra que se insere no universo da literatura de distopia a partir da problematização de como o corpo pode ser usado para a construção de poder com a finalidade da obtenção de sujeitos dóceis, além de representar diversos estereótipos de beleza feminina inalcançáveis requeridos para as mulheres.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho, a partir das discussões elaboradas nos capítulos, permitiu a investigação e subsequente análise a respeito da dinâmica de controle de corpos e da beleza feminina, utilizando como base o romance distópico *Feios*, de Scott Westerfeld. Através da interligação de conceitos-chave para a construção simbólica do subgênero literário distopia e os temas desenvolvidos nos estudos, principalmente, de Foucault e Wolf, no tocante a estruturação dos corpos e seus desdobramentos sociais, destacou-se a idealização do belo e sua parcela de contribuição na extração política e social do cenário presente na obra analisada.

Diante de tal desenvolvimento, cabe verificar os objetivos propostos no início da discussão e o alcance obtido. O objetivo principal, estudar a atribuição do corpo e da beleza feminina em *Feios*, foi alcançado, juntamente com os específicos. Ao analisarmos o ambiente construído em uma distopia e a relação que possui com as ações sociais contemporâneas, foi possível definir a importância e mensagem presentes em obras deste tipo, ainda mais ao considerarmos os ideais sociais e mecanismos de controle validados e discutidos em diferentes épocas. Tal discussão legitima e caracteriza a obra *Feios* em um espectro ficcional, porém identificável em escalas do micro e macro no século XXI.

Além disso, a elaboração do ideal estético e a beleza feminina presentes no segundo capítulo, em linha com as críticas de Simone de Beauvoir e Naomi Wolf, permitiu contrapor (e em certa medida reforçar) a ficção da distopia ao instituir as consequências trazidas pelos dispositivos de controle ao cotidiano das mulheres e seus corpos, bem como os impactos sociais derivados da propagação de padrões estéticos e de pensamentos opressivos à realidade feminina. A análise da obra *Feios*, em consonância com os conceitos destacados, contribuiu para compreender os temas propostos e suas implicações através da narrativa.

A problemática da pesquisa, no que se refere à compreensão dos meios pelos quais as temáticas de controle de corpos e de beleza feminina aparecem na narrativa, foi desenvolvida e respondida ao longo do processo de análise da obra, considerando a fundamentação teórica presente. Foi possível notar que a vigilância social é exercida por detentores de poder, buscando a padronização estética de todos os indivíduos da obra. Verificou-se estes aspectos através de vivências da

protagonista e narradora, Tally Youngblood, que, ao nascer nesta sociedade que impõe intervenções cirúrgicas pautadas em padrões estéticos, cria uma imagem inflexível de perfeição em seu imaginário que apenas são alcançáveis por meio de cirurgias estéticas. Para ela, tal modelo de beleza representa o ideal de perfeição.

Dessa forma, as hipóteses apresentadas podem ser confirmadas, por meio do aparato teórico aqui apresentado, tanto no que diz respeito à construção teórica e importância social do tema distopia (questões mais abrangentes), quanto à validação do alerta mediante à instauração massiva e subliminar de padrões e comportamentos que pairam sob a estética e identidade de gênero. Por fim, também foi possível notar como as duas temáticas principais se encaixam dentro da obra de Westerfeld, a partir dos trechos aqui analisados.

Em suma, em *Feios*, observa-se a distopia como ferramenta para a construção de uma sociedade regulada e dominada por relações de poder e normatizações de beleza. De igual modo, tais elementos manifestam-se também nas figuras femininas a partir de representações feministas vinculadas ao cotidiano. Assim, este estudo contribui com as discussões interdisciplinares que envolvem literatura, estudos de gênero, estética e política. A crítica contida em *Feios* permanece relevante diante de uma realidade onde os padrões estéticos ainda moldam subjetividades e servem de perpetuadores de desigualdades, além de se mostrar não apenas como um reflexo da sociedade atual, mas também como uma ferramenta ativa de transformação do pensamento social.

REFERÊNCIAS

- BAMFORD, Tyler. (August 27, 2020). **The Points Were All That Mattered**: The US Army's Demobilization After World War II. The National WWII Museum, 2020. Disponível em: <https://www.nationalww2museum.org/war/articles/points-system-us-armys-demobilization>. Acesso em: 11 de mai. de 2025.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, vI, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 2º ed. São Paulo: Crocodilo, 2023.
- CLAEYS, Gregory. **Dystopia A Natural History**: A Study of Modern Despotism, Its Antecedents, and Its Literary Diffractions. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2017.
- COLTRO, Pedro. **Líder Mundial**. Sociedade Brasileira de cirurgia plástica, 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20230321201240/http://www2.cirurgioplastica.org.br/blog/2020/02/13/lider-mundial/>. Acesso em: 11 de mai. de 2025.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- _____. **Microfísica do poder**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- _____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FURTADO, Everley Rosane Goetz. **Representações Sociais Do Corpo, Mídia E Atitudes**, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92473>. Acesso em: 28 de mai. de 2025.
- HONORATO, Thainan. **Brasil lidera ranking de cirurgia plástica entre jovens**. Jornal da USP. São Paulo, 27 de fev. de 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220818010210/http://www2.cirurgioplastica.org.br/2018/06/07/brasil-lidera-ranking-de-cirurgia-plastica-entre-jovens/> Acesso em: 11 de mai. de 2025.
- WESTERFELD, Scott. **Feios**. 2 ed. Rio de Janeiro: Galera, 2010.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 16 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.